

OS PROTETORES DA ORDEM: O Cruzeiro e o Perigo da Infiltração Comunista no Brasil (1945-1950)

LILIAN MARTA GRISOLIO MENDES¹

Introdução

Este artigo se propõe a discutir a campanha anticomunista que a revista *O Cruzeiro* iniciou após o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, num claro combate ao modelo do *communist way of life*. A revista, uma das publicações mais importantes do Brasil, foi pioneira da fotorreportagem onde buscou imitar o padrão da revista estadunidense *Time* tanto na diagramação como na tendência conservadora. Fez parte do maior conglomerado de comunicação da América Latina, os *Diários Associados*, propriedade de Assis Chateaubriand.

Com o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, e mais concretamente em 1947, se delineou definitivamente os contornos da Guerra Fria. No Brasil, depois de 1945, observamos uma progressiva transformação no posicionamento da revista, e a partir de 1947 promoveu intensa campanha em defesa da modernização do país, assumindo o modelo estadunidense, e defendendo um tipo de desenvolvimento para a sociedade permeado de valores americanizados em todas as esferas sociais, desde a economia até a cultura, rejeitando, assim, qualquer projeto que se aproxime dos preceitos socialistas.

Hollywood foi um dos pontos nodais para divulgação do *American way of life*, bem como para consolidar uma visão estereotipada do comunismo soviético. Este aspecto é amplamente explorado pela revista nas mais diversas obras do cinema estadunidense exibidas no Brasil.

O filme *Cortina de Ferro* é baseado numa história real, o noticiado caso de Igor Gouzenko, funcionário da Embaixada Soviética responsável por decodificar mensagens. Gouzenko chegou ao Canadá em 1943, e em 1945 ao sair da Embaixada, levou uma grande quantidade de documentos que revelavam um esquema de espionagem,

¹ Doutora em História, Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG/CAC) e pesquisadora no Núcleo Política, História e Cultura da PUC-SP/POLITHICULT. E-mail: limarta@uol.com.br

acarretando a prisão de diversas figuras importantes, inclusive de canadenses envolvidos.

Este filme é considerado um dos melhores exemplos do gênero, uma vez que sua narrativa explorava cenas reais junto à ficção e elementos como notícias de jornais e rádio, exibiam documentos oficiais com a intenção de convencer o público da veracidade de sua narrativa. Além disso, possuía todos os elementos clássicos, contrapondo a honestidade e moralidade do mundo capitalista, no caso o Canadá, e o mundo comunista como traiçoeiro e desleal. Chamou-nos especial atenção, a comparação inevitável a que o espectador é instigado a fazer, entre o estilo de vida nas casas americanas e o jeito sombrio do apartamento do casal comunista.

Os filmes anticomunistas exibidos no Brasil contribuíram sobremaneira para a divulgação desse ideário. Evidentemente que não de forma isolada, e sim, em sincronia com outras esferas que produziam com a mesma lógica. Estas produções definiam e reforçavam uma dada visão sobre “o outro”, representado como perverso e perigoso, e por isso mesmo passível de ser combatido.

Na metade da década de 40, os filmes hollywoodianos passaram a ser produzidos em larga escala, refletindo o medo da ameaça externa produzido pela Guerra Fria. Terroristas, vilões, extraterrestres, espiões, zumbis se tornam personagens ameaçadores ao *American Dream*. De tal modo, os filmes acabam corroborando com as diretrizes governamentais de contenção do perigo vermelho. Essa postura, com toda sua complexidade, nos revela um esforço consistente e consciente para impedir o crescimento e combater o comunismo.

Produzir um sistema de representações que simultaneamente traduzam e legitimem uma idéia, significa instalar também 'guardiões' do sistema que disponham de certa técnica de manejo das representações e símbolos. Como vimos, tanto nos EUA como no Brasil, diversos grupos tomaram para si a alcunha de sentinelas na prevenção e combate ao comunismo. (VALIM, 2006: 196)

Esta postura anticomunista no Brasil é encontrada em grande quantidade nos mais diferentes meios da sociedade. A Igreja Católica no Brasil tem uma atuação singular e profunda na disseminação do anticomunismo, sempre alardeando uma cruzada cívica e moral contra o comunismo. Apregoava uma aversão ao comunismo relacionando-o ao diabo, a devassidão e a imoralidade.

Outrossim, partidos políticos, associações, instituições, meios de comunicação sempre tiveram participação efetiva na divulgação de tais visões, e na década de 40, essa postura será exaltada pela Guerra Fria. O SESI e a USP são responsáveis por um dos melhores exemplos desse tipo de atuação que comprova a crença na necessidade de combater o comunismo de forma mais eficaz no pós-guerra.

Entre junho e outubro de 1949, o Professor Boris M. Stanfield, professor de Economia Política da Universidade de Colúmbia, especialista em anticomunismo, proferiu dezenas de palestras em diversos estados brasileiros como Bahia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, algumas de suas palestras foram transmitidas pela Rádio Tupi e rádio Excelsior. A repercussão foi tanta que o professor teve um encontro com Presidente Dutra e foi elogiado pelo consulado estadunidense (VALIM, 2006).

A Guerra Fria promoveu mudanças de dimensões estratosféricas no mundo, transformando instituições, normas e comportamentos. Atingiram todas as esferas sociais como a arte, educação, religião e política com efeitos que podem ser sentidos até hoje. Deu novo significado a palavra medo, criou um novo vocabulário e inaugurou uma nova etapa nas relações internacionais. Segundo o historiador Willian E. Leuchtenburg:

A Guerra Fria e o papel da América como nação imperial afetaram o país de múltiplas maneiras. A economia foi estimulada e desvirtuada pelas despesas com equipamentos bélicos e munições; as correntes políticas foram recanalizadas pela percepção de que os democratas eram o partido da guerra; o Senador McCarthy explorou as angústias da guerra fria a respeito da segurança nacional, o recrutamento em tempo de paz tronou-se uma característica aceita da vida americana. (LEUCHATENBRG, 1976: 724)

No Brasil, a Guerra Fria pode ser sentida nas mais diferentes formas. No consumo de gírias e músicas estadunidenses, no penteado igual de Lana Turner, na indução de uma escolha maniqueísta entre o bem, representado pelos Estados Unidos e o mal, representado pela URSS. Ou ainda mais concretamente nos embates políticos que resultaram na cassação do Partido Comunista ou no rompimento das relações diplomáticas com a URSS. Como escreveu Antonio Pedro Tota,

Felicidade, sucesso, charme, liberdade, inclusive sexual, em próprio sonho americano, parecem impossíveis sem esse verdadeiro objeto dos tempos modernos. A veiculação, pelo rádio, de estereótipos do estilo de vida americano ocorria desde a década anterior, mas os programas daquela

época não se comparam, quantitativa e qualitativamente, aos produzidos nos anos 40. (TOTA, 2000: 153)

Destarte, é com estranheza que constatamos o que consideramos uma falha de análise histórica em diversas obras que se dedicam ao tema anticomunismo. Poucas são aquelas que abordam a temática em todos seus aspectos e períodos. Uma obra referencial para este artigo é de Rodrigo Patto Sá Motta, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. Compartilhamos da intenção anunciada pelo autor na sua introdução:

Nosso objetivo é estudar o anticomunismo tanto no aspecto de constituição de representações – principalmente ideário, imaginário e iconografia – quanto das ações – estruturação de movimentos e organizações anticomunistas, perseguição aos comunistas e manipulação oportunista do anticomunismo. (MOTTA, 2002: XXIV)

Assim, aqui objetivamos analisar a constituição do ideário de *O Cruzeiro* e como este fez parte desse universo anticomunista brasileiro que após o término da Segunda Guerra Mundial e intensificação da Guerra Fria, promoveu deliberadamente um combate exaustivo ao modelo do *communist way of life*.

A revista *O Cruzeiro* se insere, nesta perspectiva, como *protetores da ordem* a partir das suas posições ideológicas e interesses políticos em jogo no cenário nacional. Apresentou-se durante toda sua existência como condutora de valores morais e normas de comportamento através de representações complexas que traduziam sua proposta de sociedade.

Combatendo o inimigo e mantendo a ordem

A revista *O Cruzeiro* divulgava de forma contínua e diversificadamente em suas páginas o modelo de sociedade que acredita ser mais adequado. Esse funcionamento marca a contribuição na consolidação de uma hegemonia de um projeto político conservador. O *American way of life* era então representado num conjunto amplo de referências na revista. Estava na matéria sobre penteados, na moda feminina assim como, no estilo masculino, na elegância dos eventos no Jockey, nas festas promovidas pelo cassino da Quitandinha, nos anúncios de produtos industrializados como o Toddy, Lux ou Coca-Cola, nos conselhos de comportamento e nas respostas dadas aos leitores

na seção “Escreve o leitor”, nas matérias sobre festividades católicas e o mundo cristão, nos contos e romances publicados em capítulos, nas seções de humor ou de forma mais direta e visível, nas reportagens e artigos sobre os acontecimentos do mundo e propostas políticas para o desenvolvimento do país.

De fato, ao folhear as páginas da revista, o leitor era invadido por propagandas e certa ideia de modernização do país através do modelo capitalista dos Estados Unidos. Considerando isso, observamos a consequência direta dessa opção da revista, à saber, o combate ao outro modelo possível de sociedade, o comunismo. Este é o objeto de análise deste artigo.

Ainda que o anticomunismo possa ser identificado num complexo jogo de interesses políticos e econômicos em jogo no cenário mundial após 1945, na revista ele aparecia de fato como consequência inevitável da opção defendida. Para reforçar a proximidade com o modelo estadunidense, era preciso atacar a outra proposta, o que ressaltava o distanciamento.

Assim, o anticomunismo nas páginas de O Cruzeiro deriva do posicionamento da revista em consonância com as ideias de democracia, liberdade individual, direito a propriedade privada, liberalismo econômico veiculadas pela revista. Diversamente à divulgação do *American way of life*, que aparece em toda e qualquer parte da revista, diluída entre moda e propagandas, o ataque ao comunismo aparece de forma organizada e sistematizada. Estavam nas colunas semanais, nas reportagens especiais de autores estrangeiros (jornalistas, políticos, professores, histórias autobiográficas), em matérias dos jornalistas da revista ou em histórias narradas em fascículos.

Os discursos são simplistas e, quase sempre, passionais. Sem elaboração teórica, não analisavam as ideias comunistas, não citavam nenhum teórico, e muito menos explicavam a função política dos comunistas e suas propostas de sociedade. As matérias limitavam-se a atacar, acusar e denunciar no intuito de repelir o comunismo e sua concepção de mundo.

Contudo, antes de analisarmos algumas dessas reportagens a fim de compreender o funcionamento desse mecanismo, é preciso que façamos uma rápida análise de dois pontos centrais para a interpretação, sem a qual podemos incorrer em anacronismo. Primeiro, destacar que a recepção das ideias de Marx no Brasil ocorreu

sob determinadas condições tanto do cenário mundial como de especificidades nacionais. As contradições internas somadas aos interesses políticos da burguesia e ainda a deficiência da literatura marxista gerou um tipo de comunismo distorcido e de cunho predominantemente stalinista.

A teoria de Marx se esfumaça diante da realização prática de Lenin e este, por sua vez, mumificado no mausoléu da Praça Vermelha, passava ao segundo plano, em face da presença concreta de Stalin, o líder vivo. Era todo um sistema, cujos desdobramentos conferiam, no dia a dia, superpoderes aos representantes do estalinismo em cada situação determinada: Stalin, no Kremlin, estava longe, de modo que a autoridade revolucionária que o representava, o chefe local, o secretário-geral do PC, passava naturalmente a ser o portador da verdade revolucionária. (KONDER, 2009: 246)

No Brasil, o Partido Comunista Brasileiro deteve por muitas décadas o “monopólio da difusão do marxismo” (KONDER, 2009: 12), e isso constituiu a precariedade do comunismo no Brasil e seu distanciamento do marxismo de Marx.

Em segundo lugar, unindo-se a este contexto citado, a Guerra Fria produziu novos significados e um novo tipo de interpretação sobre o comunismo que em face da nova posição assumida pela URSS no pós-guerra precisava ser combatido austeramente. No Brasil pós-guerra, o anticomunismo unia os defensores da indústria nacional, os defensores da entrada do capital internacional, os grupos defensores das alas conservadoras agrárias, os integralistas, o tradicionalismo católico, os militares e outros. Os Estados Unidos, com a criação da política de contenção, forneceu um instrumental teórico de ataque e prevenção contra este comunismo limitado e distorcido.

Enfim, unindo essa peculiaridade da recepção do comunismo no Brasil, a fragilidade do movimento operário brasileiro e os novos elementos da Guerra Fria, podemos concluir que, em tais condições, foi relativamente fácil difundir a imagem do estalinismo como de fato comunismo. Por seu próprio caráter, foi relativamente simples demonizar a URSS, enquanto se falava dos sonhos, crenças, comportamentos e estilos do mundo capitalista. Do amplo universo temático que O Cruzeiro produziu para combater o comunismo identificamos dois grupos de notícias.

O primeiro identifica o mundo comunista como *triste, miserável, sofredor, devastado, infeliz, sujo, deprimente, desprovido de alimentos, amor e sonhos*. As reportagens são sensacionalistas, exploravam a imagens de crianças e mulheres. Os

textos eram melodramáticos e abusavam das narrativas de ex-integrantes do Partido ou pessoas que fugiram da URS, normalmente retratadas como sobreviventes de guerra ou heróis. Designamos este conjunto de reportagens de *matérias de compaixão*.

O segundo grupo, designado como *matérias de acusação*, representava o mundo comunista como *perigoso, ameaçador, perverso, traiçoeiro, mentiroso, antidemocrático, cruel, feroz, sinistro, nefasto, imoral*. As matérias sempre ressaltavam as inúmeras dificuldades para se chegar aos fatos, exploravam os chamados casos reais. As denúncias e acusações davam o tom. Abusavam das terminologias pejorativas como infiltração, Perigo Vermelho, Tumor Vermelho e Cortina de Ferro, bem como era a grande utilização da figura do Stalin. Vale ressaltar, que ambos os grupos, de *compaixão e acusação*, tinham o mesmo objetivo criar uma visão negativa do comunismo.

As reportagens selecionadas que compõe o arcabouço documental deste artigo sobre o anticomunismo demonstraram que a revista acompanhava as mudanças no cenário político. Observamos que os anos de maior intensidade de artigos publicados com a temática, não por acaso, ocorrem a partir de 1947, ano já amplamente destacado como fundamental na compreensão da Guerra Fria.

Entre 1945 e 1946 verificamos a mudança na linha editorial da revista, na medida em que se afastava o Estado Novo, a situação política do país e do mundo com o fim da Segunda Guerra Mundial tomava espaço. Os anos de 1947, 1948 e 1949 concentram quase a totalidade dos artigos selecionados sobre o anticomunismo. A intensidade e veemência dos artigos marcavam a pauta da revista e sua preocupação política em consonância direta com o cenário nacional e internacional. Já em 1950 constatamos o refluxo da temática anticomunista, não por completo, mas extremamente significativa. A explicação reside na atenção quase absoluta que a revista destinou a campanha sistemática contra a candidatura à presidência de Getúlio Vargas.

Uma prática destas reportagens que merece destaque e foi amplamente utilizada, era a aproximação entre Hitler e Stalin com o claro objetivo do combate ao comunismo crescente. O discurso recorrente era que ambos, comunismo e nazismo, eram sistemas de organização de sociedade que se constroem em oposição ao capitalismo, ao direito a propriedade privada e a liberdade individual, assim eram vistos como inimigos da

democracia liberal. A aproximação entre os dois ditadores em 1939, com a assinatura do Tratado de não agressão Germano-Soviético, oferecia munição para esta visão. Mesmo o combate da URSS contra a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, ao lado da Inglaterra e Estados Unidos, era visto como um confronto pelos mesmos objetivos e alvos, o que não os diferenciava, e sim demonstrava suas semelhanças.

Num estudo realizado em 1970 nos mais diversos documentos oficiais de políticos e intelectuais, os autores Les K. Adler e Thomas G. Paterson, afirmaram que a aproximação entre Hitler e Stalin era uma ação consciente e articulada que causou uma transferência automática do ódio de Hitler para Stalin no pós-guerra. Segundo Valim, “*embora os autores façam menção aos EUA, pode-se afirmar que no Brasil o fenômeno desenvolveu-se de maneira semelhante*” (VALIM, 2006: 182). O autor se refere ao com o chamado anticomunismo de esquerda, ou seja, o combate ao chamado stalinismo por outras vertentes do comunismo como os atuantes trotskistas no Brasil.

Porém, a revista O Cruzeiro igualmente atuou com esse intuito. Esse artifício pode ser encontrado nas comparações estabelecidas entre os ditadores em suas ações e personalidades como na matéria “*Joseph Stalin, sua vida e obra*” publicada em vários capítulos, que buscava apresentar o perfil nefasto de Stalin. Na abertura da matéria já se fazia uma alusão a Hitler quando se afirma: “*Um homem mantém o mundo inteiro continuamente sobressaltado desde os dias de domínio de Hitler. Este homem é Joseph Stalin*” (O Cruzeiro, 1948: 43). A partir daí apresenta-se a reportagem escrita por Emil Ludwig, “*brilhante biógrafo moderno de Stalin*” e será publicada “*simultaneamente no Brasil pela O Cruzeiro e outros órgãos da imprensa do mundo inteiro*” (O Cruzeiro, 1948: 43). Stalin é descrito como “*um homem sem nervos, ou melhor, incapaz de controlar seu sistema nervoso e com uma personalidade taciturna e impaciente*” (O Cruzeiro, 1948: 43).

Do mesmo modo existiam artigos que buscavam as aproximações entre os dois em acordos que revelariam suas semelhanças. É o caso do artigo *Hitler e Stalin negociaram a paz*, de Drew Pearson, em 27 de março de 1948. O jornalista remontava às questões do fim da guerra, e em tom de denúncia, afirmava que existiriam indícios desta tentativa de acordo de paz entre os dois.

Entretanto, é interessante resgatar matéria publicada em maio de 1945, “*Joseph Stalin é assim*” (O Cruzeiro, 1945: 27). Nesta reportagem, assinada por Harry Hopkins, apresentado como “*lugar-tenente do Presidente Roosevelt*”, a figura do ditador é apresentada de forma bem mais branda: “*Stalin é um diplomata. Se é sempre assim como o vi naquele dia, nunca perde uma sílaba*” (O Cruzeiro, 1945: 27). Devemos lembrar que naquele momento a guerra caminhava para seu fim, dependendo das forças dos Aliados, inclusive a URSS. Em relação ao Hitler o autor afirmava:

Mas o ódio frio, implacável, que Stalin dedica ao ‘fueher’ era mais do que evidente, em seus olhos, em seus gestos, mais do que as palavras aparentemente calmas que me dizia, mas abrasadoras, em seu sentido. Tenho a impressão de que Stalin teria estimado poder ter Adolph Hitler em sua presença naquele momento. (O Cruzeiro, 1945: 27)

Apesar de não aproximar a figura de Stalin à Hitler, sugere um ódio desproporcional que teria origem na traição de Hitler, o que os faria semelhantes. “*Stalin tem ódio de Hitler, ou melhor, sempre pelo ditador alemão alguma coisa mais grave que um homem pode sentir pelo mais vil dos traidores*” (O Cruzeiro, 1945: 27). Destaca-se assim, uma mudança de posicionamento da revista que acompanhando o contexto do pós-guerra, alterou do status da URSS (e de Stalin) de aliados contra o inimigo nazista para inimigos da democracia.

Acusação: o perigo comunista

Dentre as reportagens mencionadas, selecionamos algumas que ilustram nosso eixo de análise nos dois grupos já citados, de *acusação e de compaixão*. O primeiro grupo de reportagens mais expressivas é o de acusação. Buscavam denunciar o caráter perigoso e traiçoeiro do comunismo e expor fatos que revelavam um universo de mentiras e corrupção.

Entre março e abril de 1947 a revista publicou uma série de quatro artigos escrito por Louis Francis Budens, dissidente e ex-redator do Daily Worker (órgão oficial do Partido Comunista dos EUA). Na ocasião da publicação do primeiro artigo a revista alertava seu leitor:

A reportagem que vai ler é a história secreta do comunismo, a ameaça número um que pesa sobre a paz das Américas e do mundo, escrita por um homem que durante anos foi o depositário dos segredos do alto comando comunista (...) Quando Budens compreendeu finalmente que o comunismo era uma doutrina falsa, uma ideologia insana que o conduzia apenas à guerra de classes,

ao ódio anti-religioso e ao governo das massas, não teve dúvidas em voltar-lhe as costas para regressar aos seus antigos princípios americanos. (O Cruzeiro, 1947: 64, grifo nosso)

A defesa dos princípios americanos norteou também a trajetória da revista. O conjunto de reportagens publicadas logo em seguida as de Budenz, são os artigos de Victor Kravchenko, apresentado como “*membro do Partido Comunista por quinze anos, Foi engenheiro chefe e diretor dos Trusts e Fábricas de Metalurgia e dirigiu o Departamento de guerra dos Sovietes no Corpo de Exército de Engenheiros*” (O Cruzeiro, 1947: 40). O texto de apresentação narra que quando Victor foi aos Estados Unidos rompeu com a URSS e decidiu não regressar mais ao país comunista. E a partir daí teria decidido denunciar as atrocidades do regime de Stalin no livro “*Preferi a liberdade*”.

A revista publicou três artigos informando ter adquirido os direitos para todo o Brasil. Nos artigos, a denúncia maior era a intenção de Stalin que residia em preparar uma nova guerra, e sua política comprovava isso. Segundo o autor “o principal objetivo do quarto plano quinquenal de Stalin é *‘assegurar maior capacidade defensiva da URSS e equipar as forças armadas da União Soviética com as mais recentes técnicas militares’*” (O Cruzeiro, 1947: 40). O tom de acusação era reforçado pela revista que inseria a legenda: “*e enquanto isso as multidões, mesmo da capital soviética, ou seja, o povo tão falado pelos comunistas sofre miséria...*” (O Cruzeiro, 1947: 40)

Mesmo nas reportagens que O Cruzeiro afirmava ser um relato “*com absoluto espírito de imparcialidade, limitando-se a expor e interpretar (...) um testemunho realístico e insuspeito do que é a vida na União Soviética*” (O Cruzeiro, 1948: 51), o tom era sempre de revelação dos mais estranhos modos de vida dos comunistas. O autor destes artigos, publicados numa série de quatro edições, é o escritor John Steinbeck que narrava sua viagem à Rússia e escreveu suas impressões no chamado “Diário Russo”.

Sua “imparcialidade” podia ser percebida quando narrava seu pedido num restaurante:

Há muita demora em servir a mesa, cerca de duas horas; mas isto é fatal em todos os restaurantes russos e a razão é óbvia. Desde que tudo na União Soviética, toda transação, é subordinada ao Estado, o sistema burocrático domina todas as coisas. Assim, o garçom, quando recebe uma ordem, toma nota de tudo cuidadosamente num talão; mas não vai direto à cozinha para aviar. Procura imediatamente o encarregado do estoque, este emite um novo talão que é apresentado a cozinha. O chefe da cozinha recebe o talão e emite

outro, requisitando do despenseiro a comida pedida; o garçom recebe, por fim o prato servido mas ainda não o leva à mesa, tendo ainda que procurar o encarregado do estoque para que este de baixa nos seus levantamentos, entregando-lhe outro talão relacionando a quantidade e espécie da comida requisitada e servida. Só então é que os clientes podem iniciar a sua demorada refeição. (O Cruzeiro, 1948: 52)

Entretanto, sempre com o propósito de denunciar os perigos do comunismo a notícias sobrecarregavam em revelações bombásticas e estarrecedoras. Em 17 de abril de 1948, o jornalista Drew Pearson em sua coluna semanal, anuncia os motivos que levaram o Presidente Truman dirigir-se ao Congresso:

Motivo nº 1 – Notícias de que os russos fazem planos para a guerra bacteriológica. Afirma-se que os cientistas soviéticos descobriram dois novos tipos de vírus, um deles para exterminar o gado e o outro para propagar epidemias entre os seres humanos. (O Cruzeiro, 1948: 32)

O medo foi por muito tempo a arma que enfatizava os perigos que ameaçavam a paz do Ocidente, e O Cruzeiro se especializou em captar e redobrar os medos. Prevalencia a lógica de que uma população com medo trás mais segurança por que impede o desenvolvimento de ideias perigosas e desconhecidas, era a crença de que o medo conduziria as pessoas ao caminho correto. Fosse o medo de uma nova guerra ou da invasão dos comunistas, ou ainda uma possível contaminação ideológica como veremos.

Uma das mais longas reportagens publicadas pela revista narra as “aventuras” da professora Oksana Kosenkina, que revelava sua trajetória para fugir da União Soviética. Na primeira edição, o artigo foi escrito por John Hightower que narrava o caso. Uma professora russa que se encontrava no Consulado Soviético em Nova York havia se atirado do terceiro andar do prédio para lutar “*pela liberdade de viver onde bem entender*”. (O Cruzeiro, 1948: 20). A revista como de costume, utilizou as legendas das fotos e o subtítulo para “melhor explicar” o fato:

Desprezando o paraíso de Stalin, a professora Oksana Stepanovna atira-se de um terceiro andar para fugir aos comunistas em New York. O Professor Ivanovitch Samarin pede proteção a polícia. Um caso político internacional de larga repercussão – Como se faz a história... (O Cruzeiro, 1948: 20)

O texto ainda explicava que a família inteira, o marido, o Professor Ivanovitch Samarin e seus dois filhos nascidos nos Estados Unidos estavam sobre proteção dos “russos brancos anticomunistas”. O assunto foi o mais explorado pela revista sendo publicado no período compreendido entre setembro de 1948 a fevereiro de 1949, sob o título “*O salto para liberdade*”. Na edição de 06 de novembro de 1948, foi publicado o texto de Alessandra Tolstoi, filha de Leon Tolstoi que iniciava o texto apresentando a professora, “Quem é a Professora Kosenkina? Apenas uma de 180 milhões de almas russas que conseguiu fugir a escravidão, o que demonstrou ao mundo a diferença entre o povo russo e os seu rude e ditatorial governo”. (O Cruzeiro, 1948: 48)

Nesta edição são publicadas diversas fotos explicativas sobre os acontecimentos. Uma foto da professora, deitada no leito do hospital onde ficou internada após se jogar do terceiro andar do consulado, vem com setas indicativas no seu corpo de todas as consequências do ato: hemorragias, fraturas e contusões. Depois a foto do prédio com uma seta indicativa da janela em que ela se jogou até o local da queda e a explicação de que “quando ela caiu, o fio telefônico acompanhou o seu tombo” e isso a salvou. Nesta mesma edição começou a publicação dos textos escritos pela própria professora narrando sua vida e seus temores. (O Cruzeiro, 1948: 48)

Em 20 de novembro de 1948, outra matéria do mesmo tema saiu com o título (em caixa alta) “COMUNISMO – TORTURAS DE CONSCIÊNCIAS”. O texto era precedido por uma foto de página inteira da professora com aspecto feliz, sorrindo e bem arrumada, bem diferente das edições anteriores. A narrativa desta vez recaía sobre o sistema educacional e controle do regime soviético. No subtítulo a revista alardeava:

Nesses capítulos a Sra. Oksana Kosenkina, a professora que preferiu correr o risco da morte a voltar para o 'paraíso' moscovita, prossegue a sua narrativa das perseguições sofridas por seu marido sob a ditadura soviética. Conta ela a história de como o comunismo chegou aos colégios, como os professores foram aterrorizados e como o país viu-se cheio de crianças selvagens e vagabundas. (O Cruzeiro, 1948: 47)

A preocupação incidia em como o comunismo utilizava a educação como instrumento ideológico e o resultado disso era apresentado de forma assustadora. Professores perseguidos, presos e mortos, alunos transformados em comunistas perversos, selvagens e assassinos. Em todas as apresentações dos textos O Cruzeiro apresentava aquele cenário como possível para qualquer lugar que deixasse o comunismo penetrar com suas artimanhas e astúcias.

Compaixão: o indesejável mundo comunista

O outro grupo de reportagens assume a *compaixão* como forma de denúncia sobre o comunismo soviético. Através da miséria e sofrimento do povo, normalmente enfocando mulheres e crianças, revela-se as tristes condições das pessoas sob o regime comunista. É o caso da reportagem sobre o crescente aumento de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil.

Na reportagem de Arlindo Silva, a imigração é vista como uma “dádiva”, pois o Brasil precisava de trabalhadores. O texto indicava a chegada de trezentos imigrantes, no entanto, aponta-se que existia uma falta crônica de trabalhadores para a lavoura “*de algumas centenas de milhares de homens*”. Os italianos não estavam chegando, segundo o jornalista, porque a Itália era um país arrasado depois da guerra e o Estado não tinha como financiar a viagem de quem precisa trabalhar.

Dessa forma, os imigrantes que chegavam aqui eram as “vítimas dos Russos” que conseguiram esse “benefício” através do convênio firmado entre o governo brasileiro e o Comitê Intergovernamental de Refugiados. A matéria rica em fotos dos imigrantes foi distribuída propositalmente por toda a revista, nas páginas 58, 59, 60, 61, 62, 80, 84, e terminando na página 6. Assim, à medida que o leitor folheia a revista, apareciam novas imagens. Mulheres e crianças apareciam em abundância, comendo sorrindo, escovando os dentes, dormindo sempre acompanhadas de dizeres que indicam a felicidade, pois de “*tão familiarizados com as misérias humanas, que lhes deve ter parecido uma encantadora excursão a viagem de vinte horas que fizeram do Rio até Campo Limpo num trenzinho especial da Central do Brasil*” (O Cruzeiro, 1947: 62). Na primeira foto da reportagem a legenda indicava, segundo o jornalista, a fala dos imigrantes ucranianos que dava título a matéria:

ASSIM COMEÇA UMA NOVA VIDA – Um olhar ligeiro para o velho mundo e um voto de confiança para o futuro nas terras livres da América. Nós acusamos os russos, dizem os primeiros imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil, fugindo da zona de influência soviética, onde a vida é praticamente insuportável. (O Cruzeiro, 1947: 59, grifo nosso)

A denúncia da miséria e dos horrores que aquelas pessoas estavam submetidas no regime soviético ganha mais legitimidade ao ser sustentada por diversas imagens e

legendas. A fotorreportagem tinha como principal objetivo a explicação e comprovação do fato narrado. “*Por trás da Cortina de Ferro*” é outra reportagem que tem como objetivo central expor as tristezas e a infelicidade de se viver sob o regime comunista. No primeiro texto, se apresenta os assuntos que seriam tratados:

O tacão do Kremlin pisa novos países – Império do terro imposto pelo KNVD – As finalidades da ocupação – Greves resolvidas a metralhadora – Inexistência de profissões liberais – E os povos sofrem sem esperança de contra-revolução libertadora”. (O Cruzeiro, 1948: 49)

Destaca-se do excerto acima, o mesmo mecanismo encontrado regularmente na revista. Os assuntos sobre o comunismo soviético são apresentados como o causador do sofrimento de um povo submetido ao regime violento e autoritário. As condições a que estas pessoas estão submetidas devem ser anunciadas para que este perigo não venha a ameaçar a segurança da democracia dos povos do Ocidente.

Assim, “*para compreender o stalinismo, é preciso tê-lo vivido*” (O Cruzeiro, 1948: 49). Destaca-se nesta reportagem ser a primeira vez que encontramos o termo *stalinismo* como o sistema causador de toda miséria humana denunciada. Tal mudança, conforme pude apurar na sequência da pesquisa, significou uma mera troca de expressões, não indicando uma alteração de sentido ideológico que norteava a revista. Noutras palavras, isso não significou uma diferenciação entre *comunismo e stalinismo* que continuaram a serem sempre retratados na revista como sinônimos.

Alguns povos são elogiados pela sua resistência aos russos. Numa foto de página inteira e legenda indica o orgulho dedicado aos búlgaros: “*O herói búlgaro Alexander Stamboliiski é glorificado no túmulo pelo líder agrário Trakov. Os sentimentos tradicionais dos búlgaros tem impedido maior domínio dos russos sobre a Bulgária*” (O Cruzeiro, 1948: 44)

São infindáveis os exemplos de reportagens que buscavam comprovar que o perigo comunista rondava as portas do Brasil e que se fazia necessário reforçar a atenção e o combate. No fim de 1949, uma série de reportagens sobre a infiltração dos comunistas nos Brasil, foram publicadas com vários títulos diferentes a cada semana: “*Confissões de um espião soviético*” em 10 setembro, “*O PODER, o objetivo final*” em

17 de setembro; “*Agentes do Cominform em São Paulo*” em 24 de setembro, e finalmente, “*Insurreição dos trabalhadores rurais*” em 1 de outubro de 1949.

Na primeira matéria, o jornalista Arlindo Silva afirmava ser assustador o conjunto de documentação em poder do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social sobre as atividades dos subversivos vermelhos. Justificava que São Paulo era mais visada por ser o Estado mais industrializado e, por consequência, reunia o maior número de trabalhadores e por isso “*campo preferido pelos escravos de Moscou para sua campanha de agitação*” (O Cruzeiro, 1949: 79). Na segunda reportagem, afirma-se que o objetivo dos comunistas foi descoberto com a prisão, em junho de 1949, de Jorge Herlihan Filho, membro do Partido Comunista. Essa documentação indicava que a chamada “*Campanha da Paz e do Petróleo era organizar a massa para um futuro levante como o de 35*” (O Cruzeiro, 1949: 69). A terceira narrava a infiltração de espiões russos, lituanos e iugoslavos, todos atuantes no Brasil. O Congresso de Belgrado teria sido, segundo o texto, promovido falsamente para “congragar os povos eslavos”, mas de fato foi “*uma assembléia geral do Kominform*” (O Cruzeiro, 1949: 51). Numa foto com vários homens, aparece a legenda:

Em São Paulo, o Padre Dimitri Tkatchenko, da Igreja Ortodoxa Patriarcal de Moscou, tinha uma Igreja na Vila Zelina, bairro paulista, onde pregava, em russo, a doutrina comunista. Mais um agente de Moscou no Brasil (O Cruzeiro, 1949: 52).

E por fim, a última matéria da série denunciava um enorme complô montado no interior de São Paulo para organizar os trabalhadores rurais. A narrativa em tom policial anunciava a suposta,

Organização e politização dos homens simples do campo, visando a formação de ‘Ligas Camponesas’ – A revolução deflagrada no sertão paulista, para tomar a cidade de Fernandópolis, matar o prefeito e o presidente da Câmara, saquear os bancos e repartições e marchar para São Paulo. (O Cruzeiro, 1949: 69)

Desta forma, conforme aqui analisado, a revista promoveu um ataque contínuo ao mundo comunista, mantendo sua postura ofensiva durante os primeiros anos da Guerra Fria. O Cruzeiro, como uma revista de fotorreportagem, construiu um discurso denunciando sistematicamente as misérias e horrores promovidos na URSS em

conformidade com as regras da Guerra Fria. Em contra partida, a revista se esmerou, com sucesso, em promover o *American way of life*.

Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de História)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARROS, Edgar Luís. *A Guerra Fria*, Campinas, Ed Unicamp, 1985.
- CHOMSKY, Noam. *Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.
- FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira – Economia e Cultura (1930-1964)*, Tomo III, O Brasil Republicano, volume 11, 4ª Ed. RJ: Bertrand Brasil, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX /1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LEUCHTENBURG, William E. (org.), *O Século Inacabado – a América desde 1900*, RJ: Zahar Editores, 1976. volume I e II.
- LES K. Adler; PATERSON Thomas G. Red Fascism: The Merer of Nazi Germany and Soviet Russia in the American Image of Totalitarianism – 1930/1950, IN: The American Historical Review, vol. 75, nº 4, april 1970, pp. 1046-1064. <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1852269?uid=3737664&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102308137407>. Acesso em 22 fevereiro de 2013.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- MOURA, G. *Sucessos e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. RJ: FGV, 1991.
- MUNHOZ, Sidnei J. Debatendo as origens da Guerra Fria. In: SILVA, Francisco C. Teixeira da, et al. *Dicionário do Século XX: Guerras & Revoluções (Eventos, Ideias & Instituições)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- PEARSON, D. *Desordens comunistas no Brasil*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, p. 24, 3 jan. 1948.
- PEIXOTO, Fernando. *Hollywood: episódios da histeria anticomunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SELLERS, Charles; MAY, Henry; McMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da História dos Estados Unidos*. Trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VALIM, Alexandre Busko. *Imagens Vigadas: Um a história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria (1945-1954)*. Universidade Federal Fluminense. Niterói. RJ. Tese Doutorado. 2006.

Lista de Fontes

Revista O Cruzeiro – Acervo do *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand* – Ano 1945 – 1950.